

CAPÍTULO 3

A BIBLIOTECONOMIA COMO CIÊNCIA SOCIAL

Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus

1 INTRODUÇÃO

A multiplicidade de teorias geradas pelo campo das Ciências Sociais e Humanas constitui o cerne de sua distinção em relação às outras ciências e um modo de evitar o dogmatismo alimentado pelo apego único a um esquema de pensamento (GIDDENS, 2005). Segundo Gil (2011), essa variedade de correntes teóricas das Ciências Sociais decorre, sobretudo, da complexidade de seu objeto – o ser social. E é essa variedade de olhares para os fenômenos que possibilita a compreensão dos discursos da Biblioteconomia sob vários ângulos e segundo o olhar próprio do campo das Ciências Sociais e Humanas, em que ela se insere como modalidade específica do pensamento científico (ARAÚJO, 2013).

Compartilha-se dessa visão da Biblioteconomia como ciência social e humana, porque ela se volta às categorias interpretativas e de compreensão do ser humano, dos indivíduos que assumem comumente a designação de usuários – nomeados também de leitores e, mais recentemente, de atores ou interagentes (LANKES, 2011). Sujeitos ou usuários da informação, das fontes de informação, dos serviços das “instituições de cultura”, dos “equipamentos culturais”, onde são realizadas ações de mediação, apropriação cultural e simbólica (ALMEIDA JÚNIOR, 2009; DAVALLON, 2007). Usuários ativos que se apropriam, transformam, comunicam e criam significados, informações e conhecimentos localizados em um espaço-tempo histórico, trazendo marcas temporais, culturais e sociais de outros sujeitos, também, envolvidos nos processos que conformam a sociedade, numa dupla fundação, de ato fundador e fundação. Conforme esclarece Chauí (2013, p.28) “[...] a sociedade é condição e efeito da ação que a institui”.

Ademais, é possível dizer que a Biblioteconomia se volta à apreensão da inter-relação entre os indivíduos/atores da dimensão

informacional em diversos âmbitos, em “diferentes mundos da informação”: profissional, pessoal, acadêmico, lazer, entre outros, e, agem, segundo intenções de “in-formar” e de “se in-formar”. Segundo Araújo (2014), in-formar é da ordem de “dar forma a”, da produção de registros materiais do conhecimento e, se in-formar, seria a utilização, a apropriação desses registros. Assim, a Biblioteconomia está voltada à compreensão da “informação” dos fenômenos informacionais, os quais são acionados pelos seres humanos (agentes de interação), congregando os diferentes mundos da informação em contextos e realidades sociais específicas dentro de uma “realidade socialmente construída” (BERGER; LUCKMANN, 1996). Diante disso, acredita-se que a busca de um diálogo da Biblioteconomia com as Ciências Sociais e Humanas é de extrema importância para esse campo, cujos fundamentos derivam justamente das Ciências Sociais e Humanas.

Neste texto, de modo *en passant*, apresenta-se o ponto de vista de nove autores de livros de epistemologia ou fundamentos teóricos da Biblioteconomia, sendo três dos Estados Unidos da América, três do México e três do Brasil. Contudo, apesar da extensão do tema, pois a Biblioteconomia convoca outros conceitos como, por exemplo, biblioteca, bibliotecário, usuário, informação, documento, conhecimento, entre outros, o foco, neste momento, está concentrado na demonstração dos entendimentos acerca da Biblioteconomia como campo científico (BOURDIEU, 2002). A discussão dos outros elementos também trabalhados pelos autores selecionados intencionalmente, a saber: Butler (1971); Shera (1990); Lankes (2015) (Estados Unidos da América); Brown César (2000); Rendón Rojas (2005); Alfaro López (2010) (México); Milanese (1986); Almeida Júnior (1997); e Fonseca (2007) (Brasil) pode ser conferida na tese intitulada “Saberes científicos da Biblioteconomia em diálogo com as Ciências Sociais e Humanas”, defendida no programa de pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em seguida, os discursos sobre a Biblioteconomia são correlacionados às correntes das Ciências Sociais e Humanas, definidas em três: “ordenamento do social”; “contradições do

social” e, “construção do social” (LALLEMENT, 2008)⁹. A Biblioteconomia sendo um campo científico está inserida dentro da categoria maior das Ciências Sociais e Humanas, o que possibilita e reforça tal enlace; mesmo que, num primeiro momento, este social estivesse em função de uma ordem, da apreensão de um todo, em vez de fazer prevalecer o indivíduo e suas ações, conforme ocorre posteriormente com as abordagens alternativas (interacionistas), que se contrapõem às abordagens tradicionais (holísticas). A questão central que se busca defender é a de que a Biblioteconomia é uma ciência social e, portanto, acompanha as mudanças e os

⁹ **Ordenamento do social:** a realidade é externa ao sujeito, sendo apreendida por meio da observação ou métodos empíricos, cuja influência deriva das ciências Naturais e Exatas. Prevalece a ideia de progresso, evolução e acumulação do conhecimento. Centralidade na coletividade, na ordem, e não no sujeito, nas leis gerais e não em fenômenos isolados, ênfase na totalidade. Cientistas devem se livrar das pré-noções, valores e das ideias do senso comum; a ciência é pautada por um método científico que regula as atividades, ideia de neutralidade, imparcialidade e objetividade. Vertentes de pensamento: Positivismo, Funcionalismo, Neofuncionalismo, Teoria dos Sistemas, Estruturalismo.

⁹ **Contradição do social:** compreensão da realidade e da sociedade por meio dos modos e força de produção, que são históricas e totalizantes. Os interesses das classes sociais são desvelados, expondo questões como contradição, conflito e ideologia. Enfoque na estrutura para análise das relações sociais e da sociedade capitalista. A importância da *práxis*, da ação e da teoria em conjunto é colocada em foco. É retomado também o questionamento da alienação e a superação/libertação do homem. Com a Escola de Frankfurt, entra em cena o debate acerca da indústria cultural e seus efeitos, a cultura de massa, a ação à emancipação, pensamento e comportamento crítico. Vertentes de pensamento: Marxismo, Neomarxismo, Teoria Crítica, Escola de Frankfurt.

⁹ **Construção do social:** a realidade é construída pelos sujeitos que estão em interação, não é possível apreender em sua totalidade, o foco se desloca do macrossocial para o microssocial. A apreensão da realidade ocorre por meio da compreensão, descrição e interpretação. Ação social é vista como carregada de subjetividade, por isso não se chega à objetividade e à neutralidade da ciência e do cientista, que é carregado de seus sentimentos, valores e escolhas. Conhecimento é visto a partir de pontos de vista específicos (individualismo metodológico). Sujeito e objeto não estão separados, o sujeito é compreendido a partir de sua consciência e intencionalidade. Vertentes de pensamento: Fenomenologia, Etnometodologia, Interacionismo Simbólico, Construtivismo, Hermenêutica, Pós-estruturalismo.

enfoques dados pelas correntes sociais, passando, assim, inicialmente, pelas influências do positivismo e se libertando com a construção de um saber e epistemologia própria. Com o desenvolvimento das Ciências Sociais e da Biblioteconomia, foi possível, então, a “desnaturalização” do que é tido como natural, objetivo, pronto e verdadeiro; indivíduos e sociedades são construções discursivas e imbricadas pelas relações socioculturais, relações de poder e de conflito, que fundam as práticas sociais e informacionais, as quais podem ser vistas de diversos ângulos ou “olhares sociológicos”, em um franco processo de intersubjetividade das ações individuais e coletivas dos seres humanos e sociais.

A correspondência entre a Biblioteconomia e a sociedade está associada, inclusive, desde a origem do campo empírico, guiado pela necessidade prática ou utilitária e cognitiva, passando pela necessidade científica e a sua constituição como campo científico no Século XIX. Nessa direção, Delgado López-Cózar (2002) mostra conceitos fundamentais que se conectam: necessidade – função/prática/profissão – ensino/educação – ciência, promovendo, portanto, a substituição do paradigma profissional (fazer/aplicar) pelo científico (conhecer/investigar). Ressalta-se que a origem das bibliotecas ainda na Antiguidade, também corresponde a uma necessidade, cumprindo, assim, uma função social (ainda que excludente), pois se tornou imprescindível para as relações sociais a materialização, organização e armazenamento dos conhecimentos que antes eram exclusivamente da ordem da memória e da comunicação oral. Dessa maneira, instituições e campo científico devem, em conjunto, e de maneira dinâmica, atender aos anseios da sociedade, buscando responder, compreender e explicar o mundo e os fenômenos informacionais dos quais se ocupam e sob os quais a Biblioteconomia lança seu “olhar biblioteconômico”.

2 COMPREENSÕES ACERCA DA BIBLIOTECONOMIA

O desenvolvimento ao longo dos séculos devido à associação entre bibliotecas e Biblioteconomia, passando pela constituição no Século XIX como um campo científico, culmina no Século XX, na sistematização da produção teórica específica e de um plano de

pesquisa inicialmente marcado pela Escola de Chicago, o que sinaliza também uma mudança de um paradigma profissional para um paradigma científico (LÓPEZ-CÓZAR, 2002). Dentre muitos autores vinculados àquela Escola está Pierce Butler (1971) que compreende a Biblioteconomia como um campo do conhecimento que interpreta os fenômenos da vida social de modo objetivo, seguindo o estudo e o rigor científico. A busca pela relação causal entre os acontecimentos deve ser feita e, na impossibilidade desta causa, o autor defende que deve ser determinada pela via quantitativa. A acumulação de conhecimentos científicos possibilitaria a generalização da ciência das bibliotecas e não o estudo individual e isolado dos processos, de modo subjetivo, mas sim das funções. Para que esse deslocamento ocorra, o autor advoga a favor dos métodos científicos (observação, experiência e avaliação), assim “[...] com o desenvolvimento da ciência da Biblioteconomia teremos um dia conhecimentos definitivos sobre questões para as quais atualmente temos de usar a opinião subjetiva” (BUTLER, 1971, p.XVIII).

Além da busca de uma construção científica com base nos rigores da ciência moderna, Butler (1971) atribui centralidade aos registros gráficos para o bem-estar social e benefício da organização da biblioteca. Outro autor que dá importância ao registro gráfico é Shera (1990), também filiado à Escola de Chicago. Para ele, a Biblioteconomia tem como objetivo permitir o máximo de eficiência e utilidade social dos registros gráficos humanos, voltando-se também à compreensão do conhecimento de modo mais amplo na sociedade e no âmbito individual. Essa otimização dos registros gráficos se relaciona com o ato de mediação entre o homem, seja individual ou coletivamente e seus registros gráficos, o que leva ao paradigma da Biblioteconomia como o progresso total de comunicações na sociedade. O aporte para se pensar o homem dentro do processo de comunicação e sua relação com o conhecimento é a epistemologia social, desenvolvida também em outros textos em parceria com Margaret Egan. Embora os registros gráficos ganhem destaque na construção de seu pensamento, a comunicação assume também figura central, ao lado da ciência da comunicação, levando à compreensão de que a base do sistema é a comunicação da informação.

Ademais, para que a Biblioteconomia cumpra seu objetivo, Shera (1990) acrescenta que é importante um corpo de materiais (coleção de registros gráficos para uso eficiente) e outro de habilidades ou capacidades (selecionar, organizar, disseminar de uma maneira que satisfaça as necessidades sociais contemporâneas), cumprindo, assim, a sua finalidade de “servir à cultura”, amparado na tríade aquisição, organização e disseminação (SHERA, 1990). Na direção da busca pela satisfação das necessidades sociais, Brown César (2000) fala que a Biblioteconomia vem desse processo, de uma necessidade de “organizar bibliotecas”; ela não estuda o livro em si mesmo nem a sua descrição, a “ciência da biblioteca” nasce e se desenvolve atrelada à figura da biblioteca e seus processos, ou seja, da necessidade de ser obtida uma sistematização de organização das bibliotecas.

Segundo Brown César (2000) a ciência da biblioteca, composta pela teoria da biblioteca, busca responder as complexas mudanças da sociedade e seu entorno, postas pelo advento das tecnologias, computador, internet, um mundo interativo e mediado pelo uso de máquinas. O sistema de gestão documental, em relação a outros sistemas, se configura como o elemento central da ciência das bibliotecas, composto pelos subsistemas: integração, representação, disposição e gestão, que estabelecem contato com o entorno complexo, marcado pelos usuários e bibliotecários (seres humanos) e por outros sistemas: econômico, político, social, uma clara influência da Teoria de Sistemas de Niklas Luhmann. Ademais, o autor esclarece que, por convenção, tal como os termos Biblioteconomia e Bibliotecología, Brown César (2000) adota o termo “Ciência da Biblioteca”.

Do ponto de vista voltado às coisas e fenômenos externos, está Fonseca (2007), que cita a fenomenologia, mas não aquela da filosofia e, sim, a que se refere ao sentido estrito de “[...] pura descrição daquilo que parece”. Apesar de não discutir sob essa perspectiva fenomenológica, Fonseca (2007) muda a direção da Biblioteconomia, cujo foco era o documento, a informação materializada, para o usuário, um sujeito com necessidades informacionais. Transferindo, portanto, o objeto da Biblioteconomia da informação ao usuário. Para Fonseca (2007), a Biblioteconomia

manifesta seus objetivos através dos diferentes tipos de documentos e, por conseguinte, a partir das diferentes bibliotecas, considerando que cada uma detém a sua função específica. Assim, de modo geral, a biblioteca nacional tem como objetivo: reunir, preservar, difundir a documentação bibliográfica e audiovisual produzida no território nacional; confecção de bibliografias nacionais e o depósito legal. A biblioteca pública, diferentemente, deve ser para todos e proporcionar educação, informação, cultura e lazer. Em suma, “[...] a biblioteca infantil, escolar, universitária, especializada e a nacional são peças indispensáveis numa rede bibliotecária que sirva de infraestrutura ao sistema nacional de informação” (FONSECA, 2007, p.56), cada uma com sua função específica, a qual é fruto de uma época em que o planejamento se impôs como condição *sine qua non* para o desenvolvimento (FONSECA, 2007).

Destarte, Fonseca (2007) interpreta também a Biblioteconomia dentro do quadro de uma “ciência do espírito” e da “ciência das ciências”, isto é, uma ciência dentro das Ciências Documentológicas Aplicadas. Igualmente, Rendón Rojas (2005) aborda a Biblioteconomia como uma “ciência do espírito”, proposta de Dilthey, uma ciência que estuda o homem e suas criações. O homem é visto como um ser social, assim como são as construções sociais resultantes de suas ações: documento, informação e bibliotecas e não da ordem da “ciência da natureza”, que estuda os fenômenos externos independentes do homem. Rendón Rojas (2005) acrescenta ainda que é um erro ter como paradigma aquela ciência e adotar seus métodos, pois são de naturezas diferentes. Com presença mais marcante da filosofia, Rendón Rojas (2005) aborda a biblioteconomia do ponto de vista ontológico e gnosiológico; a partir de um realismo, a realidade é externa e individual ao sujeito, e o sujeito tem a capacidade de conhecer essa realidade. Contudo, o elemento mais marcante da construção de seu pensamento é a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, a qual atribui centralidade ao sujeito, ao ser. Desse modo, o foco da Biblioteconomia recai sobre a constituição do usuário como um ser, um sujeito autêntico, que se realiza como um ser-no-mundo, um produtor e transformador da realidade.

Ainda para Rendón Rojas (2005), o sistema de informação documental tem como finalidade satisfazer as necessidades de informação documental dos usuários por meio do acesso aos documentos, possibilitando, com isso, acesso ao mundo da informação. Ao discorrer sobre a Teoria da Informação Sintática, Teoria da Informação Semântica e da Informação Pragmática, o autor elege esta última teoria como central, pois subsidia a análise da informação em interação com o usuário e com o contexto; enquanto aquelas duas primeiras teorias concentram-se apenas nos signos e nos significados das mensagens. Em síntese, para Rendón Rojas (2005, p. 179) “[...] a Biblioteconomia proporciona os elementos necessários para integrar um projeto existencial de vida, para que o homem chegue ao ser autêntico, para evitar a alienação do espírito humano e para existência mesma do sujeito”.

Para além das funções das bibliotecas centradas em suas ferramentas, processos de organização, acervos ou artefatos, a Biblioteconomia é vista por Lankes (2015) como campo do conhecimento voltado aos processos de aprendizagem dos membros da comunidade, tendo como base a Teoria Construtivista. O conhecimento é o elemento central de uma “nova Biblioteconomia”, que se volta às capacidades individuais dos membros da sociedade de criar conhecimentos e fortalecerem as comunidades com base nos processos de aprendizagem. Lankes (2015) expõe, claramente, a necessidade do fortalecimento de conceitos e teorias como algo indispensável à Biblioteconomia, pois segundo ele, a ciência da biblioteca na sua forma atual não é rica em teoria forte, e que a teoria existente gira em torno de abordagens empíricas e funcionais. Sendo assim, a Biblioteconomia deve voltar-se ao comportamento e aos efeitos dos serviços sobre o indivíduo; categorias como conhecimento e aprendizagem são a tônica da Biblioteconomia e não os elementos materiais como, por exemplo, livros e bibliotecas.

Milanesi (1986), apesar de concentrar na ordem, pontua que esta atividade serve à desestabilização dessa mesma ordem e não a ordem por si mesma. Para tanto, o autor define a Biblioteconomia como o estudo científico dessa ordem e seus desdobramentos. Esse foco na organização das informações visa tornar acessível ao público

e não à organização pela organização, no sentido de a biblioteca ser do bibliotecário que, segundo Fonseca (2007), seria um “erro biblioteconomizante”. Uma biblioteca deve ser construída a partir da diversidade de discursos, conteúdos e registros de informação, pois, por outro lado, “[...] uma sequência de livros iguais não formaria uma biblioteca, pois não seria possível ordená-los. A mudança de lugar em nada alteraria a ordem. Não é possível ordenar quando não há uma diversidade das partes” (MILANESI, 1986, p.33). Para a biblioteca cumprir seu papel, ela deve se assumir como um “centro de informação”, um espaço para elaboração de um discurso próprio do sujeito, de pesquisas sem limites, de convivência e afeto, composta por diferentes formatos e suportes de informação.

Para Almeida Júnior (1997), o cerne da Biblioteconomia concentra-se também mais no segundo momento, na disseminação, recuperação e uso da informação e menos na técnica, sendo a prioridade de seu discurso “[...] o acesso à informação, ou melhor, a determinadas informações, de tal forma que elas possam provocar alterações ou mudanças naquela pessoa – mesmo que indiretas ou superficiais – passa a ser, parece-nos, o objetivo prioritário de nosso trabalho” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p.125). Logo, para que a Biblioteconomia cumpra sua função social é necessária uma “teologia da libertação”, a consolidação de outra Biblioteconomia que se volte ao povo, para todos, sobretudo, para os “carentes de informação”, os quais possam fazer uso da informação e reivindicar seus direitos, aumentar a consciência social e política para transformar a estrutura social. A Biblioteconomia, segundo este autor, assume a denominação de uma “Biblioteconomia guerrilheira, subversiva, revolucionária”, que subverta a ordem, que de fato seja instrumento transformador, aproximando-se do povo, dos oprimidos, dos interesses populares, com o intuito de que possam se reconhecer como cidadãos (ALMEIDA JÚNIOR, 1997).

Alfaro López (2010) assinala de modo contundente que a Biblioteconomia precisa avançar a partir de uma epistemologia própria – a da Biblioteconomia – fundada na construção de problemas, conceitos e teorias. A Biblioteconomia, a fim de avançar nessa fase de constituição científica e autônoma, deve deixar de lado a epistemologia positivista, orientada funcionalmente e por

técnicas, que predominou desde o nascimento das bibliotecas públicas, com uma “vontade de serviço” no Século XIX. A biblioteca nesse processo de constituição do campo tem sido vista como o principal obstáculo, devido ao acúmulo de conhecimentos fechados em si mesmos. Assim, dada as transformações sociais, a partir do Século XX, imersa em uma sociedade da informação e devido ao aumento das complexidades tecnológicas, esse modelo fundado no empírico e na técnica não cumpre mais as demandas reais de um contexto devendo a Biblioteconomia se fortalecer por meio de constantes investigações, levantamentos de problemas e divulgação de seus conhecimentos, sendo amparada pela epistemologia construtivista e pelo “novo espírito científico”, como escreveu Gaston Bachelard.

3 BIBLIOTECONOMIA E AS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

As classificações são arbitrárias e acabam reduzindo a complexidade de um todo maior, contudo, para uma apreensão sintética ou que se pretenda ser mais didática, é necessário tal enquadramento. Por isso, mesmo sabendo dos riscos ocorridos ao realizar tal operação, espera-se que tal ação seja mais benéfica do que seu contrário. Assim, a partir das visões sobre a Biblioteconomia, buscou-se relacionar tais saberes às correntes das Ciências Sociais e Humanas, definidas como: “ordenamento do social”, “contradições do social” e “construção do social”, em que cada uma privilegia o modo particular de olhar para os fenômenos sociais. A leitura, na íntegra, dos discursos nos livros selecionados possibilitou a compreensão de que as ideias não estão exclusivamente encaixadas numa ou outra vertente de pensamento; às vezes, os pensamentos perpassam uma ou mais correntes teóricas, mas é possível tratar os discursos a partir de seus extratos, como a categoria ora selecionada “Biblioteconomia”, ressaltando as características que se sobressaem e que propiciam tal conexão.

A Biblioteconomia, a partir desses enquadramentos revela que na linha de um pensamento voltado ao **ordenamento do social** está Butler (1971), para quem a realidade parece ser vista como algo externo e tendo o desenvolvimento da Biblioteconomia marcado

pelo método científico, rigoroso e objetivo, buscando leis gerais, tal qual é estabelecido pelo positivismo em seguir a rota das Ciências Exatas e Naturais. Para Shera (1990), a centralidade conferida aos registros gráficos deve ser em benefício da sociedade na manutenção da ordem, assim como a visão da biblioteca como uma “instituição social bem definida”, capaz de manter a coesão social. O funcionalismo se revela a partir das funções de cada biblioteca, as quais variam segundo as necessidades das diferentes sociedades, pois as funções são determinadas pelo próprio homem, não sendo naturais, de acordo com o que apresentou Durkheim (no livro “Da divisão do trabalho social”, publicado em 1893) ao abordar as funções sociais do trabalho na sociedade, uma pautada na “solidariedade mecânica” e outra na “solidariedade orgânica”.

Fonseca (2007) embora atribua ao usuário um protagonismo ao nomear a “assembleia de usuários” como objeto de estudo da Biblioteconomia, o foco concentra-se nas funções e na importância de cada uma das bibliotecas no que tange à administração e aos serviços voltados aos usuários, segundo os seus perfis. Brown César (2000), também sob um viés centrado no funcionalismo, destaca a importância dos sistemas, em especial, do sistema de gestão documental, o qual é composto de subsistemas com funções específicas: integração, representação e disposição; seguindo também uma vertente funcionalista. A função dos sistemas de gestão documental é a “conformação dos sistemas de documentos”, os quais são meios de difusão e interação com o usuário. A informação documental é o objeto de trabalho do bibliotecário, pois apenas o termo “informação” não é visto como ente objetivado, mas da ordem do fenômeno (BROWN CÉSAR, 2000).

Por outro lado, radicalmente diferente, direcionado à **contradição do social**, destacam-se dois autores: Milanesi (1986) e Almeida Júnior (1997), os quais questionam a biblioteca e a manutenção da ordem a serviço de uma minoria. Tais autores colocam, definitivamente, em cena a sociedade e os problemas sociais causados pelos diferentes interesses das classes sociais. Nesse contexto, de um pensamento marxista e crítico, a Biblioteconomia tem o papel de desvelar as estruturas ideológicas por detrás das instituições, não devendo a biblioteca servir como

“aparelho ideológico do estado”, termo althusseriano. A biblioteca, para ambos os autores, não deve e não pode contribuir para essa dicotomia que opera a sociedade capitalista, entre aqueles que têm acesso de um lado e os que não têm de outro (tanto de informação quanto das tecnologias de informação e comunicação). A informação passa a ser vista como instrumento de poder, possibilitando ao usuário o questionamento da realidade e de mudanças. Tais autores assinalam o papel da biblioteca como uma instituição social, devendo, portanto, estar a serviço de todos os usuários e não apenas de uma elite que detém o poder e o controle do discurso dominante.

Em relação à **construção do social**, o deslocamento ocorre das estruturas e dos sistemas, isto é, de uma perspectiva macrossociológica para os sujeitos e suas ações, trazendo à discussão diversas teorias microssociológicas ao entendimento e interpretação do sujeito e do mundo social. Nessa direção, Lankes (2015) convoca o modelo cognitivo e o construtivismo ao atribuir centralidade ao usuário, tendo em vista que é ele o sujeito criador do conhecimento e participante ativo do processo de aprendizagem. A relação constante com a sociedade se revela no conceito de cidadania e de ética; o bibliotecário não é alheio ao contexto em que se insere, ele é também responsável pelo desenvolvimento de sua comunidade e pela criação do conhecimento. Assim como já haviam evidenciado Milanesi (1986) e Almeida Júnior (1997), as bibliotecas devem promover a produção de registros do conhecimento local, fruto da comunidade, criando memórias locais e “acervos vivos”, demonstrando o quanto as comunidades são ricas e multifacetadas (LANKES, 2015).

Para Rendón Rojas (2005), tendo como influência a hermenêutica, o usuário é um sujeito em processo de “vir a ser” que, por meio do acesso ao mundo da informação e sistema de gestão documental, chega à sua existência autêntica e à satisfação de suas necessidades ontológicas, permitindo, a partir do uso de documentos, a desobjetivação da palavra escrita e autoconhecimento do espírito humano. Contudo, para Heidegger, a concepção da existência humana está relacionada com o fim do homem, com a sua morte, pois não há fundamentação para sua

existência. A falta de fundamentação lógica de sua existência finalmente chega a seu fim na forma da morte, um “ser-para-a-morte”. Apesar disso, Rendón Rojas (2005) segue em defesa da constituição do ser, acrescentando que, quando um usuário busca informação ele não faz para “encher um vazio”, mas sim em um sentido metafórico, “encher-se a si mesmo”.

Alfaro López (2010) se detém na construção da cientificidade da Biblioteconomia, partindo da epistemologia construtivista em oposição à positivista; chama a atenção para a importância das perguntas e respostas postas pelo campo e sua divulgação na sociedade, a fim de manter em movimento e em dinamicidade o conhecimento. A realidade não é um dado, nem se atém aos fatos empíricos ou na ordem do concreto, a realidade se mostra diante dos problemas que são colocados, é necessário tecer perguntas. E são essas perguntas que constituem, segundo Alfaro López (2010), no guia da ação à investigação e para a definição da racionalidade da Biblioteconomia. Ainda para a compreensão da realidade, o autor traz a Teoria da Representação Social, de Jean Claude-Abrieu, que congrega sujeito e objeto, não estabelecendo distinção entre mundo exterior e mundo interior do indivíduo, sendo o objeto prolongamento do comportamento, atividade e normas do sujeito, objetos existem em razão das ações e relações humanas. E as representações (sistemas de interpretação) constituem, por sua vez, um guia para a ação de indivíduos e para a construção social da realidade.

Conforme se buscou demonstrar, há várias compreensões acerca da Biblioteconomia e delas é possível depreender as suas relações com as Ciências Sociais e Humanas. A sua inserção como ciência social está no cerne de sua constituição, já que a Biblioteconomia é social desde a sua origem, embora o compromisso com o social tenha tido vários enfoques; o que houve foi um apagamento do indivíduo em prol das estruturas, centro das abordagens macrossociológicas. Outra questão que se revela é a do social, que em um primeiro momento estava voltada à manutenção da ordem, o que não vai ao encontro das especificidades do indivíduo, é como se ficasse na superfície dos problemas sociais, escamoteando uma realidade a favor da ideologia das classes sociais

dominantes. A Biblioteconomia social, como se busca em sua complexidade, é aquela dirigida ao desenvolvimento do sujeito e da sociedade onde se inserem, requerendo ações que extrapolem a organização e tratamento do acervo, tais como a necessidade de comunicá-lo, ser manuseado, lido, apropriado, em diversos formatos e suportes, fazendo jus à dimensão social e democrática das bibliotecas. A multiplicidade e a desestabilidade se tornam palavras de ordem; a relação da comunicação e do sistema não é unidirecional, mas multidimensional. Uma Biblioteconomia social que dê conta de desvelar os conflitos, os interesses e minimizá-los, ou melhor, fazer com que diminuam as desigualdades entre os que têm acesso e os que não têm acesso aos espaços e à informação.

Uma Biblioteconomia realizada por profissionais conscientes de suas ações, dotadas de intencionalidades e de efeitos de poder, bibliotecários que não se coloquem como neutros, imparciais ou objetivos. É necessário expor as direções das ações, o questionamento; o pensamento crítico é essencial para não cair no discurso vazio da totalidade, pois a biblioteca não consegue atender a todos, mas o que é o todo ou quem são todos, afinal? Perguntas são fundamentais ao desenvolvimento e compromisso crítico aliado à responsabilidade social e à ética. Ações que sejam relacionadas com o pensamento teórico, conformando à *práxis* (prática aliada à teoria); ações socialmente responsáveis de cada um e afinadas a uma Biblioteconomia social desenvolvida com e para o social. Não mais a imagem da biblioteca como depósito, detentora de um saber registrado, mas a biblioteca como um espaço de utopia, de fantasia, de lazer, de imaginação, de trocas simbólicas, de construção e também de desconstrução. A biblioteca menos como espaço concreto e mais como experiência, labirinto ou caminho para outros saberes, uma imagem dinâmica em que usuários mergulhem nas fendas e espaços entre os textos/discursos, formando conexões e descobertas muito mais profundas que, simplesmente, a busca de fatos específicos (RADFORD, 1992).

Sendo assim, cumpre salientar que esse movimento de compreensão da Biblioteconomia a partir daqueles autores/livros, que nos possibilitam afirmar qual Biblioteconomia almeja-se cotidianamente: é aquela que toma para si o protagonismo de suas

ações, que questiona ou desestabiliza a ordem e assume um compromisso com um mundo melhor, seja a partir do desvelamento das contradições do social, seja a partir da construção do social. São estas duas abordagens amparadas por olhares diferenciados, que torna possível uma Biblioteconomia progressista, ativista, militante, radical, anarquista, crítica, em síntese, uma Biblioteconomia social que, de fato, seja para a sociedade e com a sociedade (CIVALLERO, 2013), bem como potencialize e atualize a sua interlocução como ciência social e humana. Uma Biblioteconomia não mais tida como “tradicional”, “convencional” ou mesmo uma “Biblioteconomia burguesa”, que se reduz aos procedimentos técnicos, à aplicação de normas, a um conformismo com a ordem, compromisso com a rotina e ocultamento dos problemas sociais, uma prática que busca o favorecimento e a manutenção de uma elite detentora dos meios de produção e intelectuais (TELLO, 2009). Portanto, urge constante efetivação da Biblioteconomia e das práticas biblioteconômicas em diálogo com a sociedade e os indivíduos, fazendo jus à sua inserção dentro das Ciências Sociais e Humanas.

REFERÊNCIAS

ALFARO LÓPEZ, H. G. **Estudios epistemológicos de Bibliotecología**. México: UNAM/Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2010. 133p.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997. 129p.

_____. Mediação da informação e múltiplas linguagens.

Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.

ARAÚJO, C. A. Á. Correntes teóricas da Biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.9, p.41-58, 2013. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/247/250>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível.** Brasília: Briquet de Lemos; São Paulo: ABRAINFO, 2014.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 13.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. **A sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Olhos d'Água, 2002. Cap.2; p.112-143.

BROWN CÉSAR, J. **Elementos para uma teoria bibliotecária.** México: Escuela Nacional de Biblioteconomía y Archivonomía, 2000.

BUTLER, P. **Introdução à Ciência da Biblioteconomia.** Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

CHAUÍ, M. de S. **O ser humano é um ser social.** São Paulo: Martins Fontes, 2013. 149p.

CIVALLERO, E. Aproximación a la bibliotecología progresista. **El Profesional de la Información**, Barcelona, v.22, n.2, mar./abr., 2013. Disponível em: <<http://www.elprofesionaldelainformacion.com/contenidos/2013/marzo/10.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

DAVALLON, J. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma.com**, Porto, n.4, 2007.

FEYERABEND, P. K. **Contra o método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FONSECA, E. N. da. **Introdução à Biblioteconomia.** 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007. 152p.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, A. C. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 2011.

LALLEMENT, M. **História das ideias sociológicas**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 2v.

LANKES, D. **The atlas of new librarianship**. Cambridge (Mass): MIT Press, 2011.

_____. **Esperemais**: exigindo melhores bibliotecas para o mundo complexo de hoje. 2015. Disponível em: <<https://davidlankes.org/new-librarianship/expect-more-demanding-better-libraries-for-todays-complex-world/1-the-arab-spring-expect-the-exceptional/>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

LÓPEZ-CÓZAR, E. D. **La investigación en Biblioteconomía y Documentación**. Gijón: Tréa, 2002.

MILANESI, L. A. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1986. 261p.

RADFORD, G. P. Positivism, Foucault, and the fantasia of the library: Conceptions of knowledge and the modern library experience. **Library Quarterly**, Chicago, v.62, n.4, p.408-424, 1992.

RENDÓN ROJAS, M. Á. **Bases teóricas y filosóficas de la Bibliotecología**. 2.ed. México: UNAM/Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2005. 183p.

SHERA, J. H. **Los fundamentos de la educación bibliotecológica**. México: UNAM/Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 1990. 520p.

TELLO, F. M. **Bibliotecología social y política I**. Disponível em: <www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=440>. Acesso em: 26 set. 2016.

